

Angelo Virgilio Pellá. **TENDAS E TABERNÁCULOS:
RELIGIÃO E PÓS-MODERNIDADE.**

São Paulo: Paulinas, 2006. 112p. (Questões em debate).

Prof. Ms. Rodrigo Drubi¹

O contato com o transcendente é característico do ser humano. Nessa realidade que define o que é ser humano, nessa relação, está Deus. O autor cita Leonardo Boff:

A experiência de Deus emerge quando se leva até suas últimas raízes a relação eu-tu. Deus é percebido como Tu absoluto².

O ser humano se descobre sempre envolvido com Deus. Esse envolvimento acontece em um meio cultural que coloca em choque um conhecimento ideal e um conhecimento subjetivo. Para tal relação, o autor faz uma comparação a partir de um enfoque platônico mostrando a dualidade entre o mundo das idéias e o mundo das coisas.

É nessas condições que a fé deve ser vivida como elemento de equilíbrio entre a busca pelo transcendente e a vida em cada cultura. Isso causa uma difícil integração entre um elemento histórico e uma necessidade humana. O autor indica a unidade na Trindade como um pensar Deus dentro de uma realidade humana, equilibrado na realidade divina.

Portanto, o autor lembra que a qualidade das relações do Deus bíblico indica a qualidade das relações humanas. Isso é conceito da teologia da Revelação, que o autor enfatiza que isso deve ser feito “com base na gratuidade-liberdade”³ e será o conceito de salvação.



¹ Rodrigo Drubi é mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. É professor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (São Paulo, SP), do Instituto de Teologia João Paulo II (Sorocaba, SP) e da UNISAL-campus Pio XI (São Paulo, SP).

² BOFF, L. Formas de experimentar Deus hoje. **Revista Vida Pastoral**, n. 207, 1999.

³ p. 19.

O conceito de salvação pode ser mal entendido quando se pensa em algo de fora do humano apenas. Citamos o autor:

Não basta chamar por Deus. É preciso acertar no modo de chamá-lo. [...] Esse é o perigo de, hoje, muita gente correr atrás de místicas pós-modernas e julgar-se, com isso, na realização plena de sua relação com Deus⁴.

O autor adverte para o perigo da procura por místicas pós-modernas que podem alienar e, portanto, afastar o humano de Deus. A forma de não admitir essa situação é a partir da reflexão de fé.

Falar de fé é falar de um desafio de linguagem. O autor indica a utilização de símbolos para expressar as experiências de fé afirmando que a “riqueza do simbolismo exprime com maior profundidade a relação com Deus”⁵. Esta expressão se dá pela religião. Porém deve se ter cuidado para não manipular Deus pelo símbolo. Deve acontecer o contrário e, por isso, o autor chega a afirmar que “a fé possui uma linguagem fronteira”⁶ pois a fé deve ser um caminho, e não um fim.

Pensa-se assim numa amplitude da linguagem teológica frente à linguagem fenomenológica a partir do que o autor chama de ferramenta hermenêutica e lembra que a hermenêutica se faz, “necessariamente, dentro de uma instituição religiosa ou cultural”⁷. A instituição pode ser elemento de alienação sobre a ação de Deus quando define como deve ser esse Deus. A teologia não pode ser refém dessa situação, não pode ser maior do que a fé e sim ser constituinte desta fé. Para tal a teologia deve estar em constante revisão crítica o que deve levá-la, segundo o autor, a uma “humilde posição de pensamento frágil, que só o Espírito pode fecundar com sua luz”⁸. Por isso, o autor lembra a Constituição *Dei Verbum*, em seu número 1, que a Igreja antes de ensinar e proclamar a Palavra, deve primeiro escutá-la.

Escutar remete o ouvinte que acolhe ao Deus que fala, essa relação é a adesão de fé. Por isso, o autor lembra que “a fé procede mais da vontade do que da inteligência”⁹. Deve portanto nos remeter à mensagem apostólica realizando a vida como um dom do Espírito Santo.

⁴ p. 21.

⁵ p. 23.

⁶ P. 25

⁷ p. 27.

⁸ p. 33.

⁹ p. 40.

Escutar também nos indica a relação entre Bíblia e Teologia. Na Palavra de Deus encontramos a revelação à humanidade. É no aprofundamento da revelação que a teologia referencia a inteligência do mistério. Considerando o caráter histórico também da teologia, “a história torna-se o palco da revelação (não o cosmo)”¹⁰. Citamos aqui uma afirmação de R. Latourelle:

A revelação cristã, como é apresentada por Jesus de Nazaré, é identificável com toda pessoa. Não é, portanto, uma idéia abstrata submetida à especulação; é antes, ação, práxis, vida que vem representada da concretização de tudo que ele põe em ato¹¹.

Este ato é essencialmente histórico-libertador levando a uma esperança de um futuro que reporta o cristão a ser elemento de transformação presente. Esses são o *já* e o *ainda não* do Reino de Deus. Por conta desta relação dialética e sua relação histórica, percebemos que a experiência religiosa se dará por mediações. Nessas mediações que a religião será elemento libertador ou não.

Os tabernáculos dos tempos pós-modernos são tentativas de imobilizar Deus dentro de padrões humanos. O autor contrapõem essa idéia à idéia das tendas como elemento de mobilidade, onde Deus caminha com o povo de Israel.

Para tal mobilidade é necessário recuperar a dimensão profética tão fortemente apresentada na Bíblia e levar a transformações pós-modernas. Deus é participante direto dessa transformação assim como o ser humano que, ao assumir sua fé, assume também seus riscos. Uma fé que leva necessariamente a uma lógica própria, oposta a lógica do mercado, a lógica do Reino.

A Teologia deve apontar uma direção para a pós-modernidade como reflexão de fé. Para tal, se coloca em oposição com os ideais mercadológicos onde o autor apresenta como a questão crucial do terceiro milênio que é: Onde dormirão os pobres? A questão sobre os pobres, os marginalizados, deve ser uma questão fundamental da Igreja, como é a do Evangelho. A lógica do mercado tende a apresentar a religião como produto de consumo. Ao transformar-se em produto, a religião se fragiliza e se imobiliza. Perder mobilidade é perder sua própria razão de ser.

O cristão deve ser elemento que constrói o Reino. O autor acrescenta o termo utopia ao Reino. Não gostamos deste termo porque um de seus significados é de projeto irrealizável e pode dar a entender isso com relação ao Reino.

¹⁰ p. 47.

¹¹ Apud LATOURELLE, R. *Teologia della rivelazione*, p. 49.

Voltando a pensar na questão do mercado, o autor alerta para a sacralização do dinheiro e da riqueza que estão no extremo oposto da mensagem cristã, lembrando que a tradição bíblica combate duramente a idolatria religiosa. Citamos aqui o autor:

A Palavra de Deus interpreta nosso presente e instaura o futuro definitivo, purifica nossa vida e cria condições para o seguimento a Jesus Cristo, no sentido de realizar nossa missão a partir das exigências do Evangelho¹².

Por isso a teologia atual tem um importante papel: desenvolver “uma racionalidade capaz de apontar e desmascarar as idolatrias atuais, presentes tanto nas formas tradicionais de religião quanto nas inovadoras”¹³. Uma racionalidade capaz de perceber e denunciar as idolatrias atuais. Uma teologia que trabalha pelo Reino de Deus e no Reino de Deus já presente aqui conforme indicado por Jesus Cristo. Lembrando o que escreve o autor: “Os valores do Reino inaugurado em Jesus estão descartados na religião do mercado”¹⁴.

Deparamos com uma realidade da pós-modernidade: a procura de espiritualidades que correspondam a um individualismo e a um controle do sagrado por parte do humano. Isso se soma a uma condição de mercado onde a religião pode se tornar um produto. Isso vai levar há um intenso trânsito religioso pois uma religião não correspondendo a determinadas expectativas é descartada frente a uma nova religião¹⁵. A Igreja é chamada a pensar sua ação no mundo frente a essa realidade e a teologia deve ser força crítica importante neste processo. O autor apresenta a Teologia da Revelação como caminho de referência do pensamento teológico cristão. Acrescentaríamos a este caminho uma Teologia do Reino que não é utilizada no presente trabalho, embora se fale do Reino de Deus em alguns momentos. Isso fica como sugestão para um novo livro.

A proposta da obra é de grande importância para a atualidade. O desenvolvimento da discussão de mobilidade (tendas) e imobilidade (tabernáculos) de Deus levanta a questão que deve ser colocada no centro de uma religião que foi formada e é mantida pelo caráter profético: a construção do Reino de Deus. Há muito que fazer. “Não os que clamam ‘Senhor, Senhor’ mas os que fazem a vontade do Pai entrarão no Reino dos céus” (Mt 7,21).

¹² p. 103.

¹³ p. 104.

¹⁴ p. 110.

¹⁵ Ver sobre esse assunto pesquisa do CERIS. *Mudança de religião no Brasil*. São Paulo: Salesiana, 2006.